

Título: Aspectos sociodemográficos, sexuais e de saúde das travestis que atuam como profissionais do sexo no bairro da Lapa, Rio de Janeiro, RJ

Autor(es) Carolina Lacerda Moreira; Luiz Guilherme Pessoa da Silva*

E-mail para contato: luguips@uol.com.br

IES: UNESA

Palavra(s) Chave(s): Travesti; Profissionais do Sexo; Saúde

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar aspectos sociodemográficos, sexuais e de saúde das travestis que atuam como profissionais do sexo na região da Lapa – Rio de Janeiro. Através de estudo descritivo, de natureza transversal, foram analisados dados de entrevistas de uma amostra constituída de 83 travestis, atuantes no bairro Lapa do Município do Rio de Janeiro, no período de agosto de 2012 a janeiro de 2013. Os dados foram obtidos através de um questionário semiestruturado, autoaplicável, composto por 52 questões objetivas contendo identificação; Sexualidade, preconceito e discriminação; vida profissional; Atenção à saúde; e questões sobre aos direitos de interesse ao público LGBT. A idade dos participantes variou de 18 a 60 anos, sendo a idade média de 31,4 anos. A maioria das entrevistadas não possui parceiro fixo (84,3%), possui ensino fundamental (56,6%), e natural de outros Estados da Federação (59,3%). A adolescência é a idade prevalente em que começaram a pensar em ser e se vestir como mulher. A grande maioria (84,1%) declarou ser aceita pela família. Poucas se sentem aceitas pela sociedade (34,1%). Existe relato de sofrimento por conta de agressão, devido à orientação sexual (51,2%). Há ainda relatos de agressão física (32,5%) e de discriminação (30%). Entre os agentes agressores, estão policial/segurança (28,9%) e o próprio parceiro (26,3%). O motivo da prostituição foi diverso, mas chama atenção que o maior motivo era o financeiro (65,8%) e falta de opção na vida (41,1%). A maioria nega se atua como mulher, homem ou os dois sexos durante o programa (51,8%), e manifesta o desejo de deixar de ser profissional do sexo (64,3%). Quanto ao culto ao corpo, há relato de uso de hormônio feminino (89%), próteses de silicone (60%) e silicone industrial (61%). No entanto, apenas 28,6% gostariam de realizar a mudança de sexo. Considerações: As travestis ainda enfrentam forte preconceito, fazendo com que haja uma exclusão desnecessária com problemas psicológicos e sociais embutidos. Embora estejam vinculadas à prostituição, muitas gostariam de pertencer ao mercado de trabalho formal. A formação da identidade das travestis é marcada por violência, discriminação diária, sentimento de solidão e conflito familiar.